

ICONOGRAFIA E ARQUITETURA: DEMONSTRAÇÃO DO MÉTODO ICONOGRÁFICO ATRAVÉS DE FACHADAS DA ARQUITETURA PELOTENSE

COIMBRA, Juliano Moreira¹; BITTENCOURT, Lucas Boeira²; JANTZEN, Sylvio
Arnoldo Dick³

¹FAUrb – UFPel – julianomcoimbra@hotmail.com

²FAUrb – UFPel – lucas.faurb@gmail.com

³FAUrb – UFPel – mundo.dick@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *Iconografia, arquitetura, modernidade e pós-modernidade*, desenvolvida na FAUrb-UFPel, estuda o caráter iconológico da arquitetura da modernidade e pós-modernidade. Como considerações iniciais foram adotadas algumas terminologias e definições a partir de leituras na área da iconografia, iconologia, semiótica e semiologia das artes e arquitetura:

Um *ícone* é um signo determinado pelo objeto que motiva a sua leitura por força de sua natureza interna, isto é, os componentes da imagem e suas relações. No ícone, o tema da obra de arte é inseparável da sua forma e a forma e o conteúdo suportam o significado da obra de arte até a atualidade. A arquitetura inclui-se entre as artes que se utilizam de ícones, principalmente a arquitetura clássica (ONIAN, 1988).

A *iconologia* é a ciência do conteúdo das imagens, ela abrange conteúdos simbólicos, mitológicos e religiosos, que encontram representações em imagens. A análise do conteúdo das imagens possibilita observar e reconstruir a proveniência e eventualmente a datação da obra de arte (POESCHEL, 2005).

A iconografia, para PANOFKY (1991), estuda o tema ou a mensagem da obra abstraindo sua forma. Para ele tema e significado estão alinhados, e a forma está ligada ao significante. Apesar disso ele não emprega exatamente os mesmos termos da semiótica. Perceber a significação é separar a ideia do conceito a ser expresso dos meios de expressão. Os signos e estruturas do homem são registros. Os registros tem o poder de emergir da corrente do tempo.

A iconografia é um método descritivo. É a descrição de imagens. Assim, a iconografia descreve e informa quando e onde os temas foram construídos. Ela permite, por exemplo, datar e localizar uma obra. A iconologia por sua vez está além do método puramente descritivo. A iconologia define uma obra. Ela é uma iconografia que se tornou interpretativa. Existe uma diferença entre descrição e definição. A descrição é uma definição preliminar do objeto. A definição compreende o plano dos conteúdos aderidos à forma do objeto. Ela especifica condições, maneiras, culturas e meios em que a obra foi produzida. Ela é inerente ao objeto e depende do aparelho subjetivo de quem a interpreta (PANOFKY, 1982).

Na escala urbana, toma-se o próprio edifício como *signo*. Este edifício, por sua vez, também estabelece relações sintáticas entre suas partes compositivas, que na escala arquitetônica também podem ser tomadas como signos. Entende-se por *sintaxe*, do grego, prefixo *syn* (afinação, afinidade) e sufixo *taxe* (coordenação), uma coordenação afinada (entre partes). Então, retoma-se o que Décio Pignatari diz por “*articulação sintática de signos arquitetônicos*”, ou seja, a decodificação do edifício em um léxico variável e redutível a elementos-tipo (balaústres, colunas, arcos, etc.) (PIGNATARI, 1981).

2. METODOLOGIA

O método utilizado é o iconográfico, estudado pelo historiador da arte Erwin Panofsky. Os procedimentos se dão por meio de análises gráficas em meios digitais, impressos e fotografias de obras de arquitetura. O objetivo é demonstrar através da iconografia e da iconologia os ícones da arquitetura da modernidade empregados em obras de arquitetura na cidade de Pelotas.

Para tornar clara tal demonstração serão estudadas fachadas de diferentes exemplares da arquitetura de Pelotas. As fachadas desses edifícios expõem com mais clareza a presença dos ícones próprios da arquitetura, porém o método também se aplicaria a outros tipos de representação da arquitetura, como planta-baixa e cortes. As obras foram escolhidas segundo critérios da historiografia da arquitetura, levando em consideração relevância histórica, cultural e qualidade arquitetônica. Esses edifícios representam os diferentes períodos artísticos que estiveram presentes na construção da cidade — luso-brasileiro, eclético, protomoderno, modernista e pós-moderno.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os procedimentos aplicados mostraram um léxico de elementos arquitetônicos que representam uma própria iconografia da arquitetura. Por exemplo: podem-se identificar edifícios que apresentem um repertório de ícones da arquitetura do classicismo, do luso-brasileiro ou do modernismo.

As ordens de colunas (dórica, jônica, coríntia), elementos de arquitetura como atlantes, cariátides, tímpanos e frontões, arcos de meia circunferência, ornamentos com folhas de acanto, volutas, etc. Esse repertório de ícones do classicismo difere dos ícones de outros períodos, como o da arquitetura luso-brasileira.

A arquitetura luso-brasileira agrega ícones como arcos de escarção, muito característicos desse período, janelas do tipo guilhotina, beirais arrebitados com espigões sem a ocorrência de platibandas, etc.

A arquitetura do modernismo apresenta o repertório de colunas pilotis, elementos arquitetônicos como brise-soleil, revestimento de pastilhas, painéis decorativos cerâmicos com pinturas de tendência modernista, etc.

O confronto entre as diferentes imagens e conceitos teóricos mostra a dimensão iconográfica e iconológica específica da arquitetura, diferenciando-a das demais artes visuais.

4. CONCLUSÕES

Entende-se que a boa interpretação de uma obra de arquitetura depende de um método clínico do observador, de um repertório. O método iconográfico fornece subsídios para uma prática projetual que exige um aparelho subjetivo para quem projeta. Por meio desse método pode-se fazer uma perícia preliminar do edifício, um reconhecimento iconográfico do mesmo.

O método iconográfico destaca os ícones arquitetônicos presentes, suas modificações ao longo do tempo, e também contribui para a determinação do grau de qualidade arquitetônica dos edifícios. Pode-se operar como uma ferramenta de estratégia projetual com o método iconográfico. Essa ferramenta é fundamental

para o projetos de intervenção arquitetônica e urbana em cidades históricas, ou obras de restauro de edifícios de arquitetura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVOLO, Leonardo. **A arquitetura no novo milênio**. (Trad. Letícia Martins de Andrade). São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- CAPITEL, Antón. **La arquitectura compuesta por partes**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.
- COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**. São Paulo: Cosac Naif, 2004.
- HADJINICOLAOU, Nicos. **La producción artística frente a sus significados**. México: Siglo XXI, 1981.
- KRUFT, Hanno-Walter. **A history of architectural theory: from Vitruvius to the present**. New York: Princeton Architectural Press, 1994.
- MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- ONIAN, John. **Bearers of Meaning**. New Jersey: Princeton University Press, 1988.
- PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia**. Lisboa: Estampa, 1982.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica da Arte e da Arquitetura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- POESCHEL, Sabine. **Handbuch der Ikonographie**. Darmstadt: WBG, 2005.
- SHAMA, Simon. **O poder da arte**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- TZONIS, Alexander; LEFAIVRE, Liane. **Classical Architecture. The Poetics of Order**. Cambridge: The MIT Press, 1986
- WARBURG, Aby. **Werke in einem Band**. Berlin: Suhrkamp, 2010.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Lisboa: Arcádia, 1977.